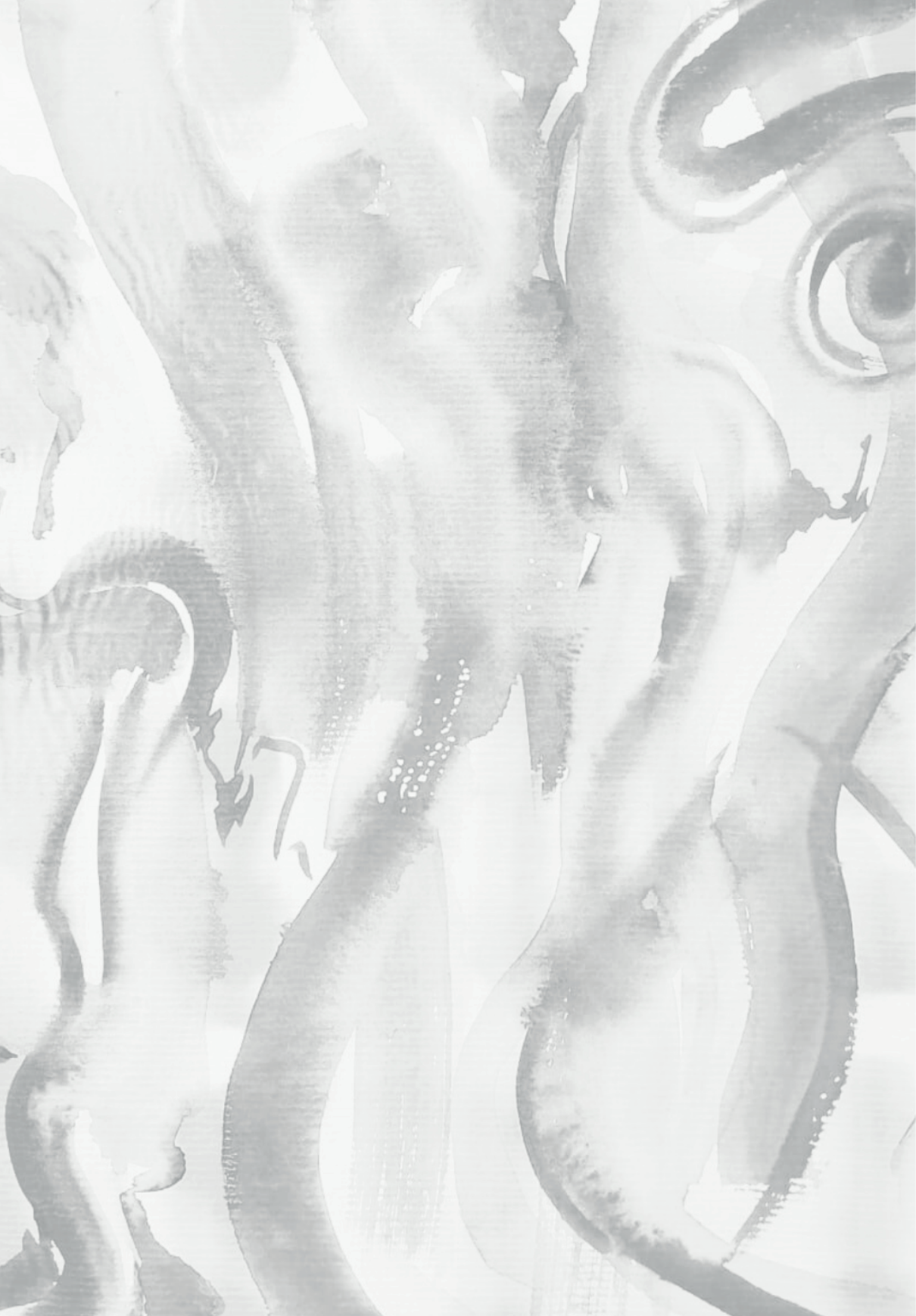


Capítulo 16

ANJOS EM FORMA DE PROFESSOR

Monique Rosa Pereira (CBNB)





ANJOS EM FORMA DE PROFESSOR

A memória da formação é um processo contínuo e multifacetado, que reflete a construção de quem somos por meio da educação. Ao longo da minha trajetória, os momentos de alfabetização e as fases posteriores da minha formação acadêmica não apenas definiram os saberes que adquiri, mas também influenciaram minha forma de olhar o mundo e de me relacionar com o conhecimento. Lembro-me claramente do impacto de cada fase desse processo, do método de aprendizado da leitura até as reflexões mais complexas que surgiram durante minha formação superior. Cada passo dado, cada desafio superado, contribuiu para a construção do meu pensamento crítico e para a minha compreensão sobre a importância da educação como ferramenta de transformação pessoal e social.

Em 1996, frequentei a Classe de Alfabetização – CA na escola Centro Educacional Leomary, com a Tia Maria, que utilizava em suas aulas a cartilha Alegria de Saber. Lembro que ela colocava cópias ampliadas dos textos da cartilha no mural do lado direito da sala. A cada letra ensinada, uma nova folha ia para o mural. Tia Maria também ministrava as aulas de Artes, e o tema da aula sempre girava em torno de uma data comemorativa. Recebíamos as folhas, que eram reproduzidas no mimeógrafo e tinham o cheiro de álcool (recordo-me com saudade dessa época). Depois de realizarmos as atividades de Artes, as folhas iam para o mural do lado esquerdo da sala e ficavam lá até a próxima data comemorativa.

Tia Maria conduziu o aprendizado da leitura e do letramento com muito afeto e carinho. Uma vez por semana, tínhamos o dia da leitura com a coordenadora pedagógica do segmento, Tia Janete, uma senhora muito séria e rigorosa. Lembro da tensão que havia na sala de aula nos dias de leitura. A leitura era feita de forma individual, então, a cada aluno que ia para a sala da coordenadora, Tia Maria dava um abraço antes de sair da sala de aula, e, quando retornávamos da leitura, ela sempre nos dava um pirulito. O abraço e o pirulito de Tia Maria eram reconfortantes.

A postura afetiva de Tia Maria se alinha com o que Paulo Freire defende em sua obra Pedagogia da Autonomia, ao afirmar que: “Ensinar exige a prática do amor, que só é possível com a vivência de um diálogo constante entre educador e educando.” (FREIRE, 2017, p.76). O afeto demonstrado por Tia Maria, como o abraço e o pirulito, fortalece o vínculo de confiança

entre educador e educando, criando um ambiente favorável ao aprendizado, como Freire enfatiza a importância da relação dialógica e afetiva no processo educacional. Assim, a atitude de Tia Maria facilita o aprendizado ao promover um ambiente acolhedor, essencial para o desenvolvimento do aluno.

A escola onde fui alfabetizada, o Centro Educacional Leomary, trabalhava com projetos, como a Feira do Livro, a Feira de Ciências e a Feira da Cultura. A foto abaixo mostra um momento com a Tia Maria em um projeto para a Feira da Cultura. Além das maquetes que precisávamos apresentar, todas as turmas preparavam uma coreografia para o encerramento da feira, usando fantasias para a apresentação da dança. Conforme a foto abaixo:



O meu percurso na Educação Básica foi todo na rede privada e contou com excelentes docentes. No segmento do Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), a professora que mais me marcou foi a Tia Leila, que me deu aula na 3ª série, no ano de 1998. Ela era uma senhora com uma postura séria e exigente com a turma. Lembro que alguns alunos tinham medo dela, mas ela nos enxergava além de alunos, chegando na sala de aula sempre questionando se estávamos bem. Apesar da exigência de sabermos a tabuada na 'ponta da língua' (como ela costumava dizer), ela sempre nos escutava e se preocupava com seus alunos, além do conteúdo pedagógico. Tia Leila foi o meu primeiro anjo em forma de professora. Após a conclusão dos Anos Iniciais, meu pai perdeu o emprego e eu teria que ir para o colégio público. Ela, ao saber dessa notícia, conseguiu uma bolsa de estudos em uma escola particular no bairro da Ilha do Governador, onde eu morava: o Colégio São Remo. Lá, fiz todo o Ensino Fundamental II (Anos Finais), sempre me

dedicando a ter excelentes notas para que Tia Leila nunca se arrependesse da grande ajuda que nos deu. As minhas aulas de Arte, neste período, eram baseadas na leitura do livro de Arte. Lembro-me de que os textos falavam sobre a História da Arte, mas ficávamos apenas na teoria. Não me recordo de aulas com práticas artísticas, e isso me entristecia muito. Esse foi o meu último contato com a Arte na Educação Básica.

Tia Leila continuou participando da minha vida, esteve presente na minha festa de 15 anos em 2005 (foto abaixo) e foi madrinha do meu casamento em 2011. Sou muito grata a ela. Tia Leila Possollo chegou como professora e ficou como uma grande inspiração, tanto como pessoa quanto como professora.



No período em que ingressei no terceiro segmento da Educação Básica, meu pai tomou posse em um concurso público para o Banco do Brasil, exatamente no momento em que minha bolsa de estudos no Colégio São Remo terminava, pois a instituição não oferecia o ensino médio. Foi no Colégio Curso Prosper, onde cursei o Ensino Médio entre os anos de 2006 a 2008. Naquela época, o professor que mais me marcou foi o de História, Emanuel Levy. Ele sempre começava suas aulas contando alguma história de sua vida, compartilhando vitórias e derrotas de um fim de semana ou do período universitário. Enquanto falava, ele escrevia o conteúdo no quadro. Algo que me chamava a atenção era que o quadro estava sempre organizado em tópicos com setas, e ele usava muitas canetas coloridas; era prazeroso copiar o conteúdo. Ele conseguia prender a atenção da turma com suas narrativas, mesmo em uma turma de mais de 30 alunos.

De forma mágica, ao terminar de falar sobre suas memórias, ele criava uma conexão com o conteúdo da aula e começava a explicar. Dessa maneira, conseguia prender a atenção de todos os alunos, até dos mais bagunceiros, e todos participavam da aula. Eram os momentos de aula mais esperados pela turma, pois não havia um aluno que não gostasse dele. Emanuel sempre comentava que o melhor método para chamar a atenção era a fofoca; realmente, ficávamos “vidrados” em seus enredos e, no final, conseguia nos levar à reflexão sobre a moral da história, que possuía uma relação com o conteúdo da aula.

Emanuel sabia como estabelecer uma relação de confiança com seus alunos, algo que Paulo Freire destaca como essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Freire (2018), em suas obras, enfatiza que o diálogo e a troca de experiências entre educador e educando são fundamentais para que a aprendizagem se dê de forma genuína e significativa. Contudo, o educador, embora compartilhe partes de sua vida e experiências pessoais, deve sempre manter o foco na formação do aluno, sem que isso desvie da função pedagógica. Assim como Emanuel, Freire compreendia que o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, humanizando a relação, mas sempre com o propósito de promover o desenvolvimento do aluno.

Uma das narrativas mais marcantes desse querido professor de História foi quando ele falou sobre dons, dizendo que cada ser humano tem um talento. Ele apontou o que enxergava em cada aluno. Lembro-me de que, na minha vez, ele parou, pensou por alguns segundos e disse que meus dons eram artísticos e que eu seria uma boa professora. Eu ri muito naqueles minutos, porque, nesse momento, nem passava pela minha cabeça ser professora. A arte era algo intrínseco à minha pessoa; eu sempre me identifiquei com essa área, mas, naquele período, o meu sonho era cursar Indumentária na UFRJ. No Ensino Médio, não tive aulas de Arte na escola. A minha única aproximação com o campo artístico, neste período, foram as aulas preparatórias para o Teste de Habilidade Específica da UFRJ, que fiz no Centro Cultural Elbe de Holanda.

Ao escrever este texto, passei por uma surpresa linda que me fez recordar também o meu período no Ensino Médio. Estou no momento das férias de janeiro e recebi, pela Divisão de Ensino, a programação da I Jornada Pedagógica de 2025. Ao ler, um nome ressaltou na minha memória: “Prof. Jorge Menezes Neto” (um dos palestrantes da jornada). Na hora, pensei:

será que é o Netinho? Mas não era possível, com certeza seria um homônimo. No entanto, a programação me fez recordar as aulas dele.

Suas aulas me encantavam e energizavam a turma. Ele era professor de Química e estava sempre de bom humor e sorrindo. Mesmo que as aulas acontecessem no primeiro tempo, às 7h de uma segunda-feira, ele estaria lá vibrando. O conteúdo da disciplina não era algo que me atraía, pois sempre me identifiquei com a área de Linguagens, e Exatas era minha grande dificuldade. Contudo, Netinho transformava a dificuldade em interesse com sua metodologia.

Ele utilizava paródias para explicar os conteúdos. Fazia o ritmo com sons e batiques no quadro, e a sala inteira cantava. Acho que o prédio inteiro da escola sabia que ele estava em sala de aula, pois a barulheira era enorme. Imaginem uma turma em torno de 30 alunos cantando! Era lindo, porque todos participavam, e até aqueles que não gostavam da disciplina (inclusive eu) se identificavam. As paródias entravam na memória como um “chiclete”; eu lembro de ficar cantando mesmo fora da sala de aula.

Foi através das paródias que consegui ser aprovada nesse componente curricular. Lembro de estudar para as avaliações cantando as músicas, e meu pai me interrogar, dizendo que eu devia parar de cantar e estudar para as provas. A metodologia dessa arte me fascinava e me ajudava a enfrentar as minhas dificuldades em Química. Desconstruía, na minha cabeça, aquele “bicho de sete cabeças” que tanto parecia. Não só me ajudou na aprovação do ano letivo, como também me auxiliou no vestibular da UFRJ, quando cantei as paródias para responder às questões da disciplina.

O uso de paródias como recurso pedagógico no ensino de Química pode ser entendido a partir da teoria sociocultural de Lev Vygotsky, que destaca a importância da mediação cultural no processo de aprendizagem. Vygotsky (2007) afirma que o aprendizado é um processo social e que a linguagem e os outros instrumentos culturais desempenham papel fundamental na construção do conhecimento. Ao empregar paródias, Netinho criava um ambiente de aprendizagem que conectava os conteúdos químicos ao universo cultural dos alunos, utilizando a música e a brincadeira como ferramentas de mediação. Essa estratégia não apenas facilitava a assimilação de conceitos complexos, mas também engajava os alunos emocionalmente, tornando o aprendizado mais significativo e acessível. Ao integrar elementos culturais como as paródias, o professor permite que os alunos se apropriem do con-

teúdo de forma mais criativa e prazerosa, o que, segundo Vygotsky, pode ampliar suas capacidades cognitivas e favorecer o aprendizado.

Além dessa metodologia, Netinho tinha atitudes que me faziam questionar como ele conseguia. Além de professor, ele era o diretor e dono da escola. Sempre que via seus alunos pelos corredores ou nos intervalos, indagava que a prova do concurso ou vestibular estava chegando, mencionando a data exata e dizendo que estávamos perdendo tempo ali, de bobeira. Ele sabia a data de todas as provas! No meu íntimo, me perguntava: deve ser muito fácil ser professor, porque esse homem sabe a data de todas as provas do ano, como pode isso? (Eu era muito inocente, entendam que só tinha 16 anos – risos).

Hoje, percebo que essa era a forma que ele encontrava para nos estimular. Gerava uma pequena ansiedade, sim, mas nos fazia refletir que podíamos ocupar aquele tempo estudando. Também ajudava a relembrar nossos objetivos para o futuro e a não perder tempo.

Mas, voltando para o dia da Jornada Pedagógica, no intervalo do almoço, reconheço o Netinho na recepção da escola. Para o aluno, podem passar anos (no meu caso, devem ter uns 16 anos que não vejo o Netinho pessoalmente), mas não esquecemos os professores que marcam as nossas vidas. E estava certa! O nome na programação da jornada era do meu professor de Química. A sua palestra foi sobre Inteligência Artificial, e foi muito gratificante estar ali ouvindo-o novamente, agora sobre outros assuntos.

Netinho provavelmente não sabe, mas além de utilizar a Arte como facilitadora do ensino-aprendizagem, algo que me encantava e me fazia refletir que eu só gostava de Química porque tinha Arte (risos), ele foi o intermediário do meu primeiro emprego como professora. Mas eu volto a essa história mais à frente. Aguardem!

Após concluir o Ensino Médio, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ingressei, no segundo semestre de 2010, no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária. Fazer Indumentária era um sonho de infância, e ser a primeira da minha família a ingressar em uma universidade pública foi uma grande realização pessoal. Lembro que os dois primeiros anos de vida universitária não foram nada fáceis. Meu curso era de período integral, e eu trabalhava na loja da operadora Vivo, no turno da noite, no Shopping Ilha Plaza, o que me permitia a sobrevivência tanto na faculdade quanto fora dela.

Foram dois anos de muita luta, mas, em 2013, Deus enviou outro anjo em forma de docente, só que agora na Educação Superior. Na disciplina de Desenho III, tive o prazer de ser aluna da Profª Drª Luciana Vilanova, que, com muita paciência, conseguiu desconstruir o meu receio em relação ao desenho do corpo humano. Lembro que as aulas eram uma mistura de vários alunos de cursos diferentes dentro da Escola de Belas Artes. Havia alunos de Paisagismo, Design de Interiores, Cenografia, Indumentária, entre outros, e ela trazia as propostas da aula para atender às particularidades de cada curso. Comigo, ela focou no desenho do corpo humano. Além dessa preocupação com cada aluno, ela me proporcionou a oportunidade de ingressar no mundo da pesquisa científica. Convidou-me para ser bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC) e, logo depois, também me tornei bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) na Companhia de Dança Contemporânea, ambos na UFRJ. O ingresso na pesquisa científica me proporcionou não só a possibilidade de deixar o trabalho no shopping, mas também o envolvimento no projeto de pesquisa, aprendendo a investigar, analisar dados e propor soluções para problemas reais, o que fortaleceu a autonomia intelectual. Foram dois anos de muita luta, mas, em 2013, Deus enviou outro anjo em forma de docente, só que agora na Educação Superior. Na disciplina de Desenho III, tive o prazer de ser aluna da Profª Drª Luciana Vilanova, que, com muita paciência, conseguiu desconstruir o meu receio em relação ao desenho do corpo humano. Lembro que as aulas eram uma mistura de vários alunos de cursos diferentes dentro da Escola de Belas Artes. Havia alunos de Paisagismo, Design de Interiores, Cenografia, Indumentária, entre outros, e ela trazia as propostas da aula para atender às particularidades de cada curso. Comigo, ela focou no desenho do corpo humano. Além dessa preocupação com cada aluno, ela me proporcionou a oportunidade de ingressar no mundo da pesquisa científica. Convidou-me para ser bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC) e, logo depois, também me tornei bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) na Companhia de Dança Contemporânea, ambos na UFRJ. O ingresso na pesquisa científica me proporcionou não só a possibilidade de deixar o trabalho no shopping, mas também o envolvimento no projeto de pesquisa, aprendendo a investigar, analisar dados e propor soluções para problemas reais, o que fortaleceu a minha autonomia intelectual.

O acesso de alunos à pesquisa científica durante a graduação é

fundamental para o desenvolvimento de competências acadêmicas e profissionais essenciais. Nesse contexto, Jean Piaget (2012) defende que o conhecimento não é uma cópia do mundo, mas a construção do sujeito, que se dá por meio da interação com o meio. Participar de projetos de pesquisa permite aos alunos integrar-se ativamente ao processo de construção do conhecimento, aprimorando suas habilidades de investigação, análise crítica e resolução de problemas. Ao ingressar em programas de pesquisa, os estudantes não apenas aplicam teorias aprendidas em sala de aula, mas também vivenciam o processo científico, que exige rigor metodológico e capacidade de reflexão. Essa prática contribui para a formação de indivíduos autônomos e capacitados para enfrentar desafios intelectuais e profissionais. Assim, a inserção precoce na pesquisa científica durante a graduação proporciona uma aprendizagem mais significativa e alinhada com as exigências do mercado de trabalho e da academia.

Luci entrou na minha vida como minha professora, mas, ao longo do tempo, tornou-se uma grande amiga. Após o semestre de sua aula, continuei com ela na pesquisa científica e em trabalhos de cenografia e indumentária fora da faculdade. Foram inúmeros trabalhos nos quais ela me convidou para ser sua assistente. Quando lembro desse período, recordo-me das tantas noites que passamos acordadas, pintando, adereçando, desenhando e, no geral, nos divertindo também. Sempre tínhamos assunto para conversar, e a sua companhia era engrandecedora.

Eu aprendi não apenas uma profissão e uma inserção no mercado de trabalho, mas também lições de vida, pois tivemos que lidar com planejamentos, fornecedores e imprevistos – aspectos que, na prática, não são ensinados na universidade. Luci esteve comigo no dia da minha colação de grau na UFRJ, conforme a foto abaixo.



Colação de grau em 30 de março de 2016 no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária.

Antes da conclusão do meu curso de Indumentária, em uma de nossas inúmeras conversas, Luci me aconselhou a solicitar o reingresso e cursar Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Lembro-me exatamente daquele momento, em todos os detalhes: eu estava em sua casa, pintando os acabamentos de uma saia preta que usaria no figurino do meu TCC em Indumentária, quando ela me sugeriu fazer Licenciatura. Eu ri, sem entender muito bem, e ela respondeu: “O curso tem tudo a ver com você, e, no pior dos casos, você sairá com duas graduações e um ‘plano B’ de profissão.” Ela se preocupava com meu futuro, mas, naquele momento, eu nem percebia isso.

E assim o fiz. No mesmo semestre em que concluí o curso de Artes Cênicas, surgiu uma vaga para reingresso na UFRJ no curso de Educação Artística. Após participar do processo seletivo, fui aprovada na única vaga disponível naquele semestre.

Em 2016/1, iniciei o curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Posso dizer, com muita alegria, que me encontrei nesse curso! Minha grande amiga Luci tinha toda razão. Entrei no curso um tanto desacreditada e saí simplesmente apaixonada pela Arte-Educação.

No final do curso, em 2017, participei do estágio supervisionado obrigatório no Colégio de Aplicação da UFRJ. Meu excelente desempenho me rendeu uma carta de recomendação do Setor Curricular de Artes Visuais. Lembro-me do quanto fiquei emocionada e orgulhosa de mim ao receber-la.

Talvez muitos não acreditassem que eu chegaria até o fim, pois concluí minha segunda graduação no oitavo mês de gestação

No dia da minha colação de grau, em abril de 2018, minha querida Sophia estava prestes a completar três meses de vida e entrou comigo na cerimônia de formatura, conforme a foto abaixo.



A sociedade não está preparada para ver uma mãe na universidade. Muitas vezes, espera-se que ela abandone ou desista do meio acadêmico. Durante minha trajetória universitária, ouvi comentários bastante desanimadores sobre a maternidade.

Hoje, Sophia tem sete anos, e posso afirmar, com toda a convicção do mundo, que ela é meu combustível para lutar sempre por algo melhor. Enquanto escrevo este artigo, celebro também minha aprovação em 3º lugar no processo seletivo para o Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (PROPGPEC) do Colégio Pedro II.

A ideia de que maternidade e universidade não combinam é equivocada. Conciliar ambas, de fato, é um grande desafio, mas, se pensarmos bem, até mesmo na grafia das palavras, elas rimam. Que mais mães ocupem esses espaços e provem que é possível construir uma trajetória acadêmica brilhante sem precisar abrir mão da maternidade.

Após levar seis anos para concluir minha formação na UFRJ, obtendo duas graduações, ao término dos estudos eu tinha um bebê recém-nascido. Passei seu primeiro ano de vida sem trabalhar, dedicando-me integralmente à minha filha e, ao mesmo tempo, ao curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Especialização no Ensino de Artes Visuais, no Colégio Pedro II, que concluí em 2020.

Em 2019, com minha filha completando um ano de vida, decidi que

era hora de iniciar minha trajetória como professora. Distribuí diversos currículos em escolas da rede privada na Ilha do Governador, bairro onde moro.

Após essa etapa, resolvi buscar meus antigos professores nas redes sociais e, assim, o Netinho reaparece nesta história. Enviei uma mensagem direta para ele, contando que havia me formado e estava em busca de uma oportunidade. Ele me respondeu imediatamente, parabenizando-me e sugerindo que eu enviasse meu currículo para o e-mail da Simone, que na época era coordenadora da escola — a mesma coordenadora pedagógica dos tempos em que fui aluna. Segui seu conselho e, no mesmo ano, recebi um convite da Simone para dar aulas em outra escola onde ela atuava como diretora. O Netinho talvez não saiba, mas foi ele o mediador do meu primeiro emprego com carteira assinada como professora de Artes.

Uma outra lembrança que tenho do início da docência foi o meu retorno à escola onde fui alfabetizada, o Centro Educacional Leomary. Agora, retorno como professora de Artes dos Anos Iniciais, e foi uma coincidência maravilhosa rever a Tia Maria. Mesmo aposentada, ela continua lecionando no antigo C.A., agora denominado 1º Ano.

Lembro-me de que Tia Maria me reconheceu de imediato e veio me dar um imenso abraço. Novamente, eu me sentia acolhida naqueles braços fofinhos. Foi um momento muito feliz! Minha querida professora ainda lecionava na mesma sala, com os murais dispostos da mesma forma. As cartilhas já não faziam mais parte do mural; agora, havia figuras de desenhos mais contextualizados. Por exemplo, a letra “L” era representada pela personagem Ladybug, e não mais pela lua.

Até o ano de 2021, trabalhei em quatro escolas particulares na Ilha do Governador. Meu desligamento dessas instituições ocorreu em novembro, pois fui aprovada no Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – Magistério, do Comando da Aeronáutica. Atualmente, atuo como professora de Artes das turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio e do 8º ano do Ensino Fundamental, além de exercer a função de Coordenadora de Disciplina em Artes no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Ser professora no CBNB é uma imensa realização pessoal, e tenho muito orgulho dessa conquista.

E hoje, ao refletir sobre minha conduta como professora, percebo o quanto carrego de todos esses professores que mencionei. Da Tia Maria, herdei o amor pela exposição dos trabalhos nos murais e o hábito de receber os alunos de forma afetuosa sempre que possível, seja ao acolhê-los na

sala de aula ou ao oferecer apoio em alguma avaliação. Da Tia Leila, trouxe a rigorosidade nas atividades; meus alunos comentam que sou a professora legal que oscila entre a leveza e a seriedade (sempre que ouço isso, lembro da Tia Leila e interpreto como um elogio – risos!). Do Emanuel Levy, aprendi a importância da organização do quadro, distribuindo o conteúdo estrategicamente, além de levar “fofocas” para a aula – mas, no meu caso, são histórias da vida dos artistas que estudamos dentro dos movimentos artísticos. Da Luciana Vilanova, veio o amor pela Arte (que acredito fazer parte da minha essência), mas também o olhar atento para enxergar a particularidade de cada aluno.

Aos meus queridos mestres, o meu muito obrigado! Tudo o que aprendi com vocês se reflete na minha prática docente, e espero um dia inspirar meus alunos da mesma forma que vocês me inspiraram.